

ARTIGO

Reportando à "paz de cemitério"

Não é preciso muita atenção para se perceber que a cobertura jornalística no período eleitoral segue a estratégia da "paz de cemitério". Evidentemente, a característica dessa eleição, em especial, é a de ser a primeira presidencial depois da posse de Luiz Inácio Lula da Silva. As demais, que ocorreram nesse período, foram apenas embates preparatórios para a que ocorrerá em outubro de 2006. Em primeiro lugar, porque a imprensa de um modo geral, escondeu-se atrás das constatações jurídicas e denúncias (de terceiros acima de qualquer suspeita), evitando um confronto direto com um governo que, legal e constitucionalmente, tem a guarda das concessões das emissoras de rádio e TV. Dessa maneira, o que se vê é a ameaça velada do que se pode fazer. Nada mais. O governo Lula é, a priori, cripto-esquerda. Dessa forma, não atende ao desejo de classe dos proprietários dos jornais e estes pertencem (ou são caixa de ressonância) a uma elite que mantém o poder econômico. Esses últimos ficariam bem mais tranquilos com alguém mais à direita naquele cargo.

Certamente, o processo eleitoral de 2006 foi iniciado na mesma hora que Lula tomou a posse há quatro anos. E através dos veículos de comunicação.

Seria ingenuidade pensar que a simples aceitação do resultado eleitoral adverso (Lula no poder) significaria passividade da direita, ou dos órgãos de imprensa que a representam. Durante esse período, o principal atrativo do PT (não envolvimento com corrupção) foi desmontado paulatinamente e as principais figuras petistas alijadas da estrutura decisória.

E isso deu resultado. O grupo lulista - por um lado - correspondeu à expectativa da elite ao igualar seu governo com o anterior (já que

não houve a mínima intenção política de diferenciar-se), não só como linha política como em corrupção, trabalhada pelos meios de comunicação com sutis pinceladas de deterioração partidária. O fato de alguns artistas petistas afirmarem o apoio à sujeira e corrupção como algo normal na política é sintomático.

Igualou-se a linguagem e nivelou-se por baixo. Direita e esquerda sem distinções aparentes. Não há mais a diferenciação ideológica dos discursos transpostos à imprensa. Ao divulgarem o melhor desempenho da administração lulista, os veículos de comunicação endossam as mudanças realizadas por Fernando Henrique e/ou Itamar Franco e, supostamente, apenas melhoradas pelo atual governo. E estas, não atrapalham os sonhos financeiros da elite. Apenas desgasta a esquerda brasileira que abandonou o debate ideológico e também sustenta o *status quo* da administração capitalista.

De Papai Noel barbudo e vermelho, o governo Lula passou a ser o *ogro*.

Engana-se, porém, que a ainda capenga democracia brasileira abriga fraternalmente essa conjunção de esforços partidários e ideológicos. Apesar dos veículos de comunicação estarem jogando sobre a disputa uma cortina de fumaça, a presença petista no Planalto é indesejável pela elite, pelo sistema

financeiro e por grupos estrangeiros. Apesar das bisonhices petistas, o governo

Lula (e as colunas jornalísticas indicam isso) não é confiável

para o topo da pirâmide social e seu constante esforço de agradar a direita é mero artifício que retarda o embate.

Dizer que há imparcialidade na cobertura é uma falácia. No fim da história, fica a máxima de não se saber até onde o governo Lula irá, mas a certeza de onde ele não chegará.

"Dizer que há imparcialidade na cobertura é uma falácia"



Rondon de Castro

Jornalista, professor do departamento de Ciências da Comunicação da UFSM

DICA CULTURAL

FILME

DVD: **Syriana**

DIREÇÃO: **Stephen Gaghan**

QUEM VIU: **Fritz Nunes (*)**

Esse filme, produzido em 2005, desenvolve uma trama ao longo de 126 minutos que, mesmo sendo fictícia, faz refletir sobre a importância do petróleo no contexto global e, por outro lado, mostra como funcionam os bastidores da política norte-americana em relação aos países do oriente médio quando se trata do "ouro negro". Produzido e estrelado por George Clooney, que engordou 13 kg para a filmagem (mas não se sabe bem com que objetivo), a película foi premiada no Oscar 2006 justamente para o papel de ator coadjuvante e indicada para melhor roteiro original.

Robert Baer (Clooney) é um agente da Agência Central de Inteligência (CIA) que, depois de 21 anos, percebe as manipulações da política do governo estadunidense em relação ao seu trabalho. O filme também retrata a postura subserviente de governos árabes em relação aos interesses norte-americanos (qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência!!!!). O desfecho da trama, como não poderia deixar de ser num mundo unipolar como o em que vivemos, é amplamente desfavorável aos que "ousam" desafiar o poder.

(*Jornalista da SEDUFSM)

